

Sopas de Pedra : O moinho

5.ª edição

Há séculos que os moinhos se erguem como torres sobre o mundo, testemunhando silêncios petrificados do passado vivo de outrora. Rolos de pedra branca ou morena bebem dos sopros dos ventos ou das correntes das águas transformando o cereal em pão, milenarmente, na procura de saciar as bocas esfomeadas. Hoje, são técnica, indústria, ciência ou lembrança de outros tempos... na 5.ª edição dos jantares-colóquio Sopas de Pedra, onde à mesa se erguerão de novo, a par da sopa, do pão e do vinho. Tudo é história!

11 Mar. 2011 | Os moinhos medievais de Torres Vedras

Na Idade Média, a alimentação quotidiana da grande maioria da população baseava-se nos cereais, e em particular no pão. Daí a necessidade, para cada povoação de dimensões razoáveis, de ter moendas em número suficiente para abastecer em farinha os lares e os profissionais da panificação. Nesta conferência, iremos percorrer os diferentes tipos de moendas existentes em Torres Vedras e no seu termo rural, e saber quem as possuía, como laboravam, e de que forma marcavam a paisagem e a vida rural.

Ana Maria S. A. Rodrigues

Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

18 Mar. 2011 | A construção do moinho na Idade Média

Obra cara e complicada, o moinho era uma construção fundamentalmente senhorial, laica ou eclesiástica, sendo propriedade dos senhores da terra, os únicos com capacidade económica para os mandar construir. A sua maquinaria era complexa e exigia mão-de-obra especializada e materiais caros, como o ferro e a boa madeira. A manutenção, não apenas da maquinaria mas igualmente do edifício e dos anexos (conduta de água, represa, açudes...) implicava, portanto, uma grande quantidade de dinheiro de que só os mais abastados poderiam dispor. Acrescia, muitas vezes, a necessidade da posse jurídica de uma corrente de água constante, objecto de frequentes contendas, explicando por que razão, na maior parte das vezes, o moinho de água foi edificado por um senhor, colhendo naturalmente as hostilidades dos camponeses. Por isso, são alvo de diversas tentativas de monopólio, como aconteceu por parte do mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, sobre estes engenhos.

Pedro Gomes Barbosa

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

25 Mar. 2011 | O pão na Idade Média na Região de Torres Vedras

Sob a designação de «pão», eram vários os grãos que marcavam a paisagem rural e que, certamente, caracterizavam a diversidade regional. Todos, dos ricos aos mais miseráveis, reclamavam o pão, como meio de evitar ou deixar a fome distante. Pelo lugar que ocupava na dieta alimentar, o homem medieval não podia prescindir dele. Sem pão, ainda que se verificasse a abundância de outros víveres, chegava a fome que, suportada ou apenas receada, marcava constantemente a sua presença. Assim, por recear que a fome, de espectro se transformasse em flagelo, por toda a parte se semeou o cereal até à exaustão, mesmo em solos pouco propícios ao seu

amanho, e onde, por isso mesmo, a sua rendibilidade chegava a ser ínfima. Cultivavam-se nas terras, herdades, leiras, courelas, casais... de diminuta ou maior dimensão, propriedades de que os documentos - e em especial os da nossa Baixa Idade Média - lhes acrescentaram o epíteto *de pão* ou *de pão em sementeira*, evocando naturalmente a importância deste alimento. Terras que recebiam cereais de Inverno - o trigo, a cevada e o centeio - e de Verão - os milhos miúdo e painço...

Carlos Guardado da Silva
Município de Torres Vedras
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Chás de Pedra: o moinho

2.^a edição

01 Jul. 2011 | O moinho: Uma abordagem tipológica

O momento em que estamos é evocativo. Há 50 anos atrás começámos a deixar de ouvir falar e a deixar de utilizar os moinhos. Foi o início do fim das tecnologias tradicionais, quando alguém decidiu que a sociedade não devia mais ter a escala do homem e tinha de se assumir como industrial. Muitos terão visto na modernidade a solução para os velhos problemas das populações. Afinal estávamos a iniciar o fim das identidades e, neste caso, o fim dos moinhos.

Agora, 50 anos depois, temos de falar dos moinhos porque falar destes “adornos” da paisagem é falar de toda a história do Homem. E para falarmos de moinhos e da sua enorme diversidade tipológica vamos sentar-nos à mesa, ou não fora o produto do seu trabalho o alimento mais presente nas mesas de refeição de milhares de gerações.

Jorge Martins
Município de Torres Vedras

08 Jul. 2011 | Os moinhos em Torres Vedras - Propostas de Valorização

Da palavra ruína à palavra abandono, do moinho ao moinho, da palavra identidade à palavra valorização. O território dos moinhos, evolução, inventários e soluções... Quantos moinhos de vento existem actualmente no Município de Torres Vedras? Um número redondo que condiz: duzentos. Um excelente número para repensar percursos.

Omnipresente na paisagem, o moinho faz parte da imagem do Oeste. Há histórias à volta de cada moinho, modos particulares a reconhecer, dizeres a consagrar. Aceite o seu perfil, podemos inteirarmo-nos do seu estado de conservação, identificar vontades, propor novas orientações e desenvolver projectos que abracem a causa dos moinhos como desígnio colectivo para o território.

Ezequiel Duarte
Município de Torres Vedras

15 Jul. 2011 | A Azenha de Santa Cruz

Construída na centúria de Quatrocentos, a Azenha de Santa Cruz [de Ribamar] ganha vida nos pergaminhos do século XVI, integrada nos limites da paróquia de São Miguel, detentora das águas que alimentavam as mós, e a quem era devida a renda de seis alqueires de trigo e duas galinhas... De mão em mão, a azenha moeu águas, mágoas e séculos até que, um dia, não moeu mais... Mas ergueu-se de novo e voltou a ser Azenha... esta é a sua história, a história de uma vida, a história de dezenas de gerações aqui narrada... na noite de maresia, cidreira e menta...

Maria dos Anjos Luís
Agrupamento de Escolas D. Lourenço Vicente da Lourinhã